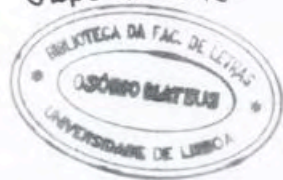


JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

II



UKFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

A FRENTE DE ROSAS E APLAUSOS PARA ISABEL

ROSAS E APLAUSOS PARA ISABEL

Antes de que pasara el día de ayer, cuando, después de haber estado...

Contra el poder de la mayoría, como Isabel, cuando ella estaba...

Tras haber estado, como ella, cuando ella estaba...

Como cuando de la vida de ella, cuando ella estaba...

Como cuando de la vida de ella, cuando ella estaba...

ROSAS E APLAUSOS PARA ISABEL

PERSONAGENS

ISABEL, 30 a 35 anos

ÁLVARO, *partenaire* de Isabel

Um modesto camarim, circundado por um amplo espaço vazio. No camarim, única zona bem iluminada, Isabel maquilha-se ao espelho. Algures, um ramo de rosas e um pick-up desligado. Ao fundo, dissimulado, um baú. Duas cadeiras incaracterísticas.

*Isabel, que é ainda uma mulher interessante, enverga um vestido de noite. Mostra-se agitada, olhando de soslaio, ora o ramo, ora o pick-up. Volta a maquilhar-se, com gestos precisos, reveladores de uma longa prática. Um tempo. Interrompe a maquilhagem, olhando fixamente o espelho. A meia voz, trauteia Las Rosas. Longa pausa. De súbito, estremece. Esboça o gesto de voltar a maquilhar-se mas logo muda de ideias. Levanta-se e vai compor o ramo. Contemplando-se, de longe, ao espelho, aproxima o ramo do rosto. Procura sorrir. Larga o ramo. Põe um disco no pick-up. Um tempo. Ouve-se apenas o riscar da agulha. Volta a sentar-se ao toucador, retirando da gaveta, com gestos sacudidos, uma garrafa e um pequeno copo. Enche o copo. Bebe de um trago, fugindo de olhar o espelho. Pousa as mãos no tampo do toucador. Ergue lentamente o rosto. Olha-se ao espelho, como que a medo. No disco ouve-se uma grande ovação. Isabel sorri, primeiro levemente e logo com frenesim, atirando beijos à sua imagem reflectida no espelho. Um tempo. Os aplausos cessam. De novo o raspar da agulha. Isabel tosse e vai de novo a encher o copo. Ouvem-se leves pancadas na porta do camarim e surge um homem de casaca, exibindo uma elegância um tanto forçada. É Álvaro, *partenaire* de Isabel. Vendo-o pelo espelho, Isabel vai a guardar o copo e a garrafa na gaveta, mas o homem surpreende-lhe o gesto; olhando-a, com mudo sarcasmo, encosta-se à porta. Um tempo. Álvaro ri baixinho, abanando a cabeça. Isabel, rodando no banco, encara Álvaro.*

ISABEL (*disfarçando o nervosismo*) — Já?

ÁLVARO (*sem mudar de posição*) — Hum, hum...

ISABEL — Que horas são?

ÁLVARO (*desencostando-se da porta*) — Faltam cinco minutos.

ISABEL — ... E a sala?

ÁLVARO (*sapateando em torno de Isabel*) — Cheia!... Uma casa cheia! (*Deixando de sapatear, faz uma vénia exagerada a Isabel. Entretanto, voltou a ouvir-se no disco uma salva de palmas.*)

ÁLVARO (*trocista*) — Rosas e aplausos para Isabel! (*A ovação cessa.*)

ÁLVARO (*após um tempo de silêncio*) — Temos hoje lá dentro... pelo menos... (*Num ilógico crescendo de entusiasmo.*) Trinta e sete... vinte e sete... que digo eu?!... dezassete pessoas! (*Contando pelos dedos.*) Um velho oficial da Marinha, aparentemente reformado. Duas jovens, de tenra idade, irmãs ou primas. Uma senhora de chapéu lilás, magríssima. (*Pausa. Intencional.*) O teu apaixonado! (*Exibindo um cartão-de-visita que retirou do ramo.*) ... A desfazer-se em rosas, como sempre...

(*Isabel, em atitude de desafio, tira da gaveta o copo e a garrafa e serve-se. Bebe. Poisa o copo, com violência. Entretanto Álvaro rasgou o cartão-de-visita em pedacinhos e atirou-os fora. Olham-se com hostilidade. Um tempo.*)

ISABEL (*com inesperada boa disposição*) — Lembras-te daquela vez, naquele enorme teatro... o coiso... no Rio de Janeiro?... O Teatro Municipal do Rio de Janeiro!... Lembras-te? (*Volta a ouvir-se, no disco, a grande ovação.*) O público, de pé, vitoriando o teu nome!

(*Isabel aumenta o volume do som do pick-up. Álvaro empertiga-se, enchendo o peito de ar.*)

ISABEL (*imitando o clamor de entusiasmo de uma multidão*) — Álvaro!... Álvaroooo!!!

(*Num repente, Álvaro desliga o pick-up. Voltando as costas a Isabel, vai até ao toucador e enche o copo. Olha-se ao espelho, de copo na mão. Isabel, irónica, encosta-se à porta do camarim.*)

ISABEL (*forçando o sorriso*) — Um público exigente, caloroso...

ÁLVARO (*de copo na mão, sem beber, olhando-se ao espelho*) — O Rio de Janeiro!... Do que esta mulher se havia de lembrar!... (*Pousa o copo, sem ter bebido.*)

ISABEL (*prosseguindo, insinuante*) — ... E no teu camarim climatizado... entre espelhos, luzes coloridas e garrafas de *Champagne*... havia sempre um ramo de flores. (*Pausa. Tom coloquial.*) Como é que ela se chamava, a tua apaixonada?

(Álvaro tem um gesto de impaciência.)

ISABEL (pegando no ramo; tom mordaz) — Júlia?... Juliana?... Julieta? (Um tempo. Largando o ramo.) Não. Não eram rosas. (Pausa.) Umhas flores pequeninas... assim... muito perfumadas. (Pausa.) Havia muitas, naquele jardim, em Copacabana...

ÁLVARO (voltando a pegar no copo) — O pior é que nós não chegámos a ir ao Brasil... (erguendo o copo à altura dos olhos.) Como não fomos aliás a Espanha. (Pousando o copo, com suavidade.) Sabes bem porquê...

ISABEL (batendo as palmas com exagerada alegria) — Oh, Madrid!... Uma grande cidade... E Barcelona, a flor da Catalunha! (Com entusiasmo decrescente.) Salamanca. Sevilha. Badajoz. Elvas... (Procurando recuperar a animação, entoa, de novo Las Rosas.)

ÁLVARO (como se «recitasse» uma carta) — «Muy estimados señores... Non hay que decir el disgusto... pero... por motivos imprevistos e de última hora...»

ISABEL (mudando de assunto, com vivacidade) — A cena do baile, recordas-te? (Meneia-se, de olhos fechados, numa valsa imaginária.)

ÁLVARO (concluindo a «carta») — «... Reciban las nuestras más profundas disculpas y los más afectuosos saludos...»

(Isabel estende os braços a Álvaro. Como este não corresponde ao seu convite, dança sozinha, evoluindo pelo camarim, enquanto, ao longe, se ouvem os acordes de uma valsa.)

ISABEL (valsando) — A peça, mesmo para aquela época, já era assim um bocadinho... hum... (Um tempo de valsa.) Mas bonita... E bastante romântica... (Um tempo de valsa.) Eu era uma jovem de boas famílias... Virgem! (Sorrindo.) Pelo menos no palco. (Parando de valsar. Intrigada.) E até mesmo na vida privada, se não estou em erro... (Tempo de valsa.) Está claro, já tinha havido aquele caso do Artur, o meu primeiro namorado. (Parando de valsar.) Mas esse, francamente... escorregar não é cair... Só fomos para a cama duas ou três vezes... Meia dúzia, quanto muito, se não contarmos aqueles passeios pelo campo, em que nós... 'tá claro... perdíamos assim um bocadinho a cabeça... (Voltando a valsar.) Mas na peça, de qualquer maneira, eu era ainda... inexperiente. (Pausa.) Tu estavas de passagem. Partias no dia seguinte... Para a guerra, se não estou em erro. (Deixando definitivamente de valsar.) E nós acabávamos de ser apresentados... naquele preciso momento. (Mima uma apresentação formal, procurando levar Álvaro a contracenar com ela, embora ele não se mostre muito interessado.)



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97